

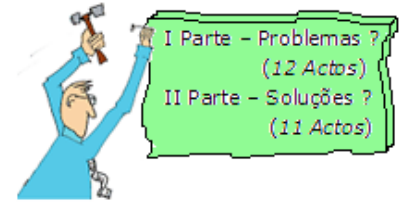


Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



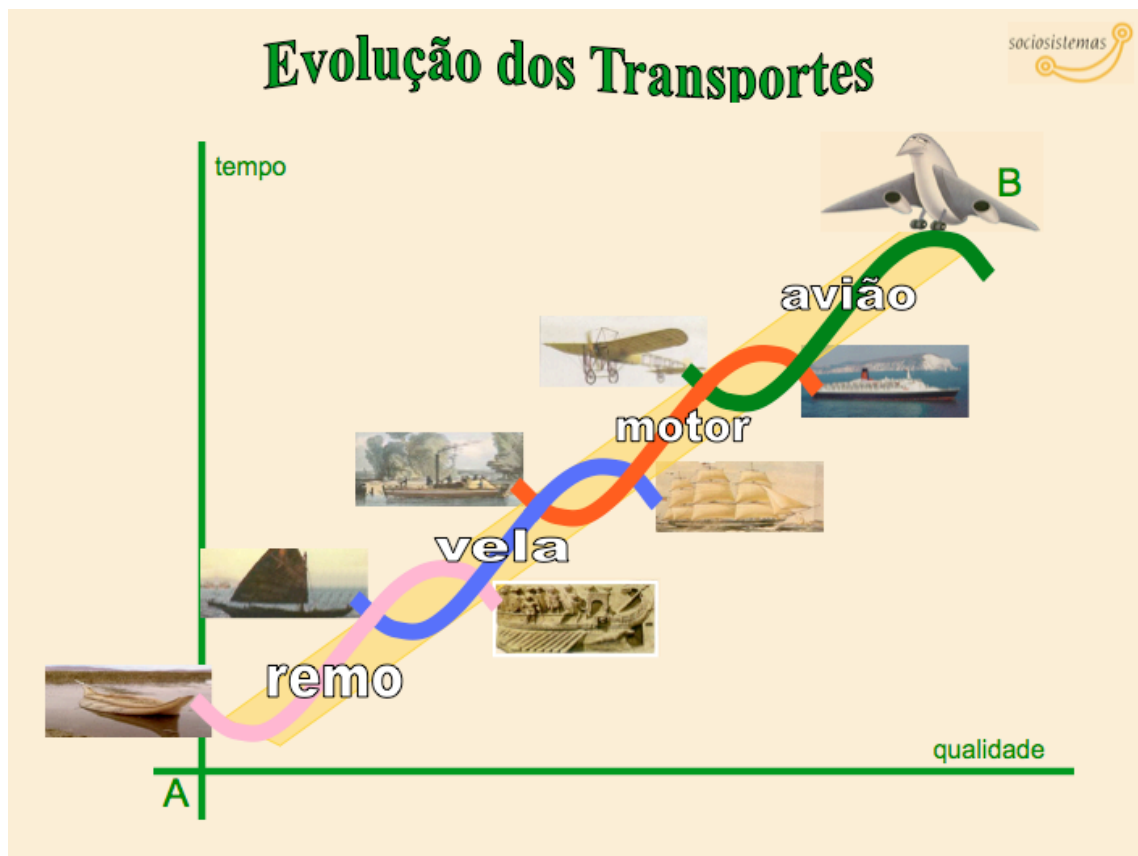
Lupa sobre a democracia _ Acto 12 **... a evolução aos "éssses"...**



*A evolução não é um caminho suave.
Da morte para o nascimento
tudo se processa aos saltos,
caminhando
por cima do desconhecido e da incerteza.*

Como se processa a evolução num sistema social ?

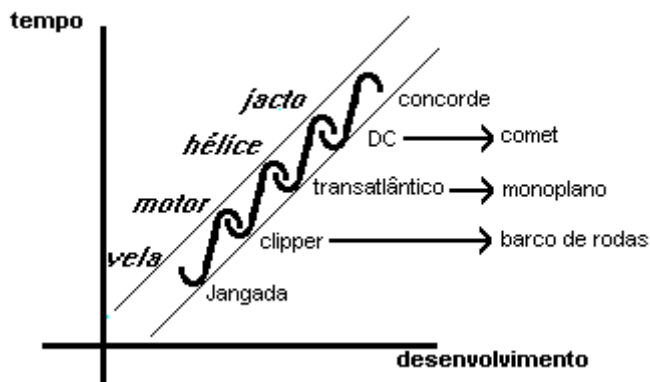
Por exemplo, analisando a evolução dos transportes encontra-se, ao longo dos tempos, alguns pontos de inflexão importantes, tais como, o uso da *vela*, do *motor*, do *avião a hélice* e do *avião a jacto*, pontos esses que impuseram mutações às formas utilizadas. Representando esta evolução num gráfico ter-se-á:



Cada uma destas invenções originou modelos específicos de transporte, que, por sua vez, evoluíram desde uma rudimentar forma inicial até à forma final bastante aperfeiçoada.

Como exemplo, no uso da vela, o modelo passa da *jangada* primitiva ao rápido *clipper*; por sua vez, a invenção do motor marítimo começa pelo lento *barco de rodas* até que surge o imponente *transatlântico* (Queen Mary); e na aviação, temos o desconfortável *monoplano* e o grande *DC* ² a hélice e, por fim, o inovador *comet*,³ antepassado do veloz e cómodo *concorde*.

Todavia, esta aparente linearidade esconde uma sucessão de saltos bruscos entre os diferentes modelos, sem qualquer continuidade entre si, obrigando a **opção de passagem**⁴ entre as duas alternativas. Ou seja, o *interior* desta curva pode ser representado por uma sucessão de curvas em *éssses*, cada uma expressando as três fases da vida de cada modelo: **nascimento, desenvolvimento e morte**, ou seja,



Porém, como se vê na representação gráfica, a fase de *nascimento* de um modelo coexiste temporalmente com a fase de *morte* do modelo anterior. Quer isto dizer, que na mesma época, na chamada **fase de transição**, se encontram actuantes dois modelos alternativos para opção, um ainda na fase de desenvolvimento e outro já em fase de desaparecimento.

Como exemplo, e utilizando o modelo *motor marítimo*, quando nasce o primitivo *barco de rodas*, ele vai coexistir com o *clipper*, uma forma já muito aperfeiçoada do modelo anterior (*vela*).

Nesta fase de transição vão dar-se dois movimentos: o *gradual definhar* do aperfeiçoado modelo anterior, e a *gradual melhoria* do ainda primitivo novo modelo. Um vai morrer e o outro vai-se desenvolver. Em determinado momento deste percurso, tornar-se-á obrigatória uma opção entre os dois, um salto brusco de um para o outro, sem qualquer continuidade e apenas baseado numa *escolha visionária do futuro*.

Esta *intuição visionária* poderá existir mais cedo ou mais tarde. Quer isto dizer que, quando os sinais da mudança ainda são débeis e o modelo instalado aparentemente não tempositor, **é fácil** acreditar num futuro que seja cópia do passado. Porém, quando o novo modelo já existe bem inserido na dinâmica social, mas a antiga forma ainda luta por não desaparecer, **é fácil** ver que o futuro vai mudar. O ponto crítico é conseguir optar ainda na *zona cinzenta* de indefinição entre os dois.

¹ - Barco à vela que atravessava o Atlântico, por vezes quase atingindo 30 nós.

² - O grande avião a hélice que atravessava o Atlântico.

³ - O primeiro avião a jacto.

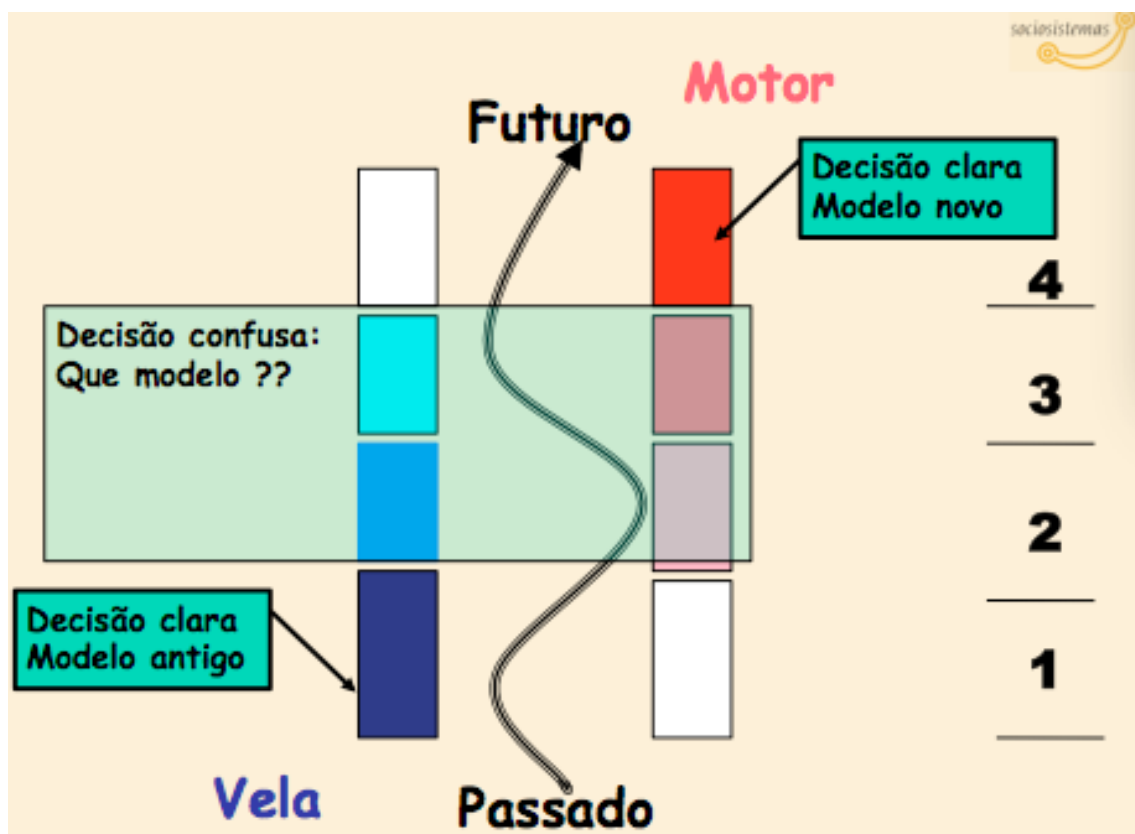
⁴ - Do tipo *escolher entre uma ou outra margem de um rio*.

Este aspecto é importante porque o facto de um modelo estar obviamente em extinção, isto é, deixar de corresponder às condicionantes actuais, não significa que qualquer modelo que então surja, seja, necessariamente, o modelo que vigorará no futuro, pois pode ser apenas um que vai abortar.⁵ Ser diferente e novo não significa necessariamente ser o futuro.

Porém, *se o novo modelo for o futuro, quem primeiro o compreender, se preparar e optar por ele, terá nítidas vantagens evolutivas:* é a angústia, o risco e a aventura da mudança.⁶

Esquemáticamente, a opção pode ser feita em momentos diferentes:

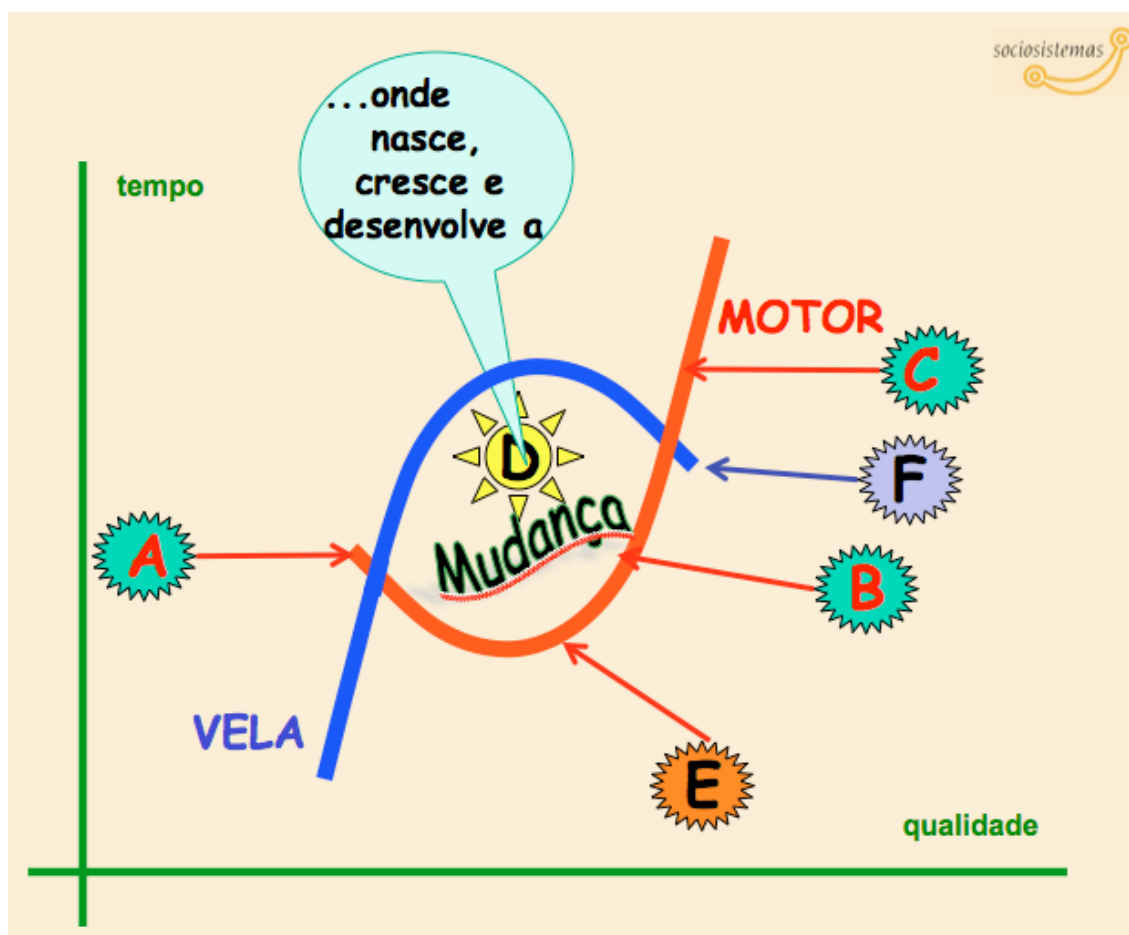
- 1- claramente a “*vela*” e não o “*motor*”;
- 2- menos clara a “*vela*” e talvez o “*motor*”;
- 3- talvez não a vela a “*vela*” e sim o “*motor*”;
- 4- não a “*vela*” e claramente o “*motor*”;



Analisando com mais pormenor os quatro momentos do esquema anterior, referentes a uma fase de transição, mas utilizando o modelo das curvas em *esse*, poder-se-á identificar os **níveis A, B e C de antevisão da mudança** em curso:

⁵- Ex., o hidroavião.

⁶- É o caso de grandes fortunas pessoais que começaram com *visões antecipadas do futuro*: Joseph Culliman (petróleo: Texaco), Henri Nestlé (leite em pó), Rockefeller (refinação petróleo: Standart Oil Company), Marcus Samuel (transporte de petróleo em navios tanque: Shell), Andrew Carnegie (aço: Carnegie Steel), Ford (cadeia de montagem na indústria), etc, do mesmo modo que os países, Portugal (abertura aos oceanos), Inglaterra (industrialização), etc



ou seja, na zona:

- A — só vê a emergência do novo modelo quem tem condições para perceber e compreender os sinais existentes, pois a mudança nascente ainda está muito pouco definida;
- B — só vê a transição em curso quem está interessado e atento, pois, se bem que os sinais já sejam nítidos, ainda é preciso ir procurá-los;
- C — só não vê a mudança já inserida na sociedade quem não quer, pois a situação já é clara e está bem à vista de todos.⁷

Ainda no mesmo esquema anterior, e a nível das convulsões típicas de uma fase de transição, podem considerar-se **mais duas zonas características: a E e a F.**

A zona **E** representa a **crise de expansão** da forma nascente (no exemplo, o *motor*), forma essa que normalmente é derrotada pelo modelo que vigora na sociedade (no exemplo, a *vela*). Na realidade, o novo modelo vai pôr em causa o equilíbrio de forças no poder, pelo que estas vão lutar e impedir que isso aconteça. O mais vulgar é essas forças terem condições (trunfos estratégicos) para bloquear a inserção do novo modelo no sistema social.

⁷- Como exemplo, na zona **A**, um capitalista que investisse em barcos à vela para transportar carga no Atlântico, estava pouco actualizado no seu negócio, mas iria correr riscos graves se, distraído, entrasse no nível **B** sem o ver, continuando a aplicar dinheiro nessa forma de transporte. Porém, se no nível **C** ainda continuasse a apostar nesse negócio, não se pode dizer que fosse um investidor inteligente.

Porém, se a nova forma de funcionamento é realmente uma forma viável, como resultado desta crise, ela vai aperfeiçoar-se e conquistar também *trunfos estratégicos*. Por sua vez, o modelo antigo, também em resultado da crise, vai introduzir melhorias, pelo que pode adquirir tal perfeição que, à primeira vista, parece ser insuperável. Todavia, o tempo mostrará que, na realidade, é apenas o *canto do cisne* desse modelo.⁸

Deste modo, este *período cinzento* de dúvida entre as duas formas é ultrapassado e o modelo nascente impor-se-á apesar das oposições existentes, que se vão tornando cada vez mais débeis. Nasce-se, uma nova *curva em ésse*, desaparecendo a antiga (**crise de definhamento** do modelo antigo,⁹ zona F).

O **centro nevrálgico deste processo de mudança é a zona D**, a zona do meio no esquema das curvas em *ésse*, onde as coisas *são e não são*, onde a instabilidade co-existe com a estabilidade, e onde a angústia do futuro acompanha a esperança do que virá. Como diz James Gleik aqui é a *...fronteira do caos, onde a vida floresce*.

Para quem é consciente da existência desta zona, e sabe que se vive uma mutação de modelos, há *guerras* que não se combatem, pois lutam por alternativas integradas ao modelo em extinção;¹⁰ portanto, todas elas falhadas. A verdadeira *guerra* a travar é encontrar, construir e inserir um novo modelo.

Aplicando este raciocínio à democracia actual, quais são as *guerras* sem sentido que se estão a travar, e quais são as *guerras*, cheias de sentido, que se recusam e se abandonam?

***Como olhar para este problema ?
ou seja,***

**Lupa sobre a Democracia_Acto 13
... não guiar pelo espelho retrovisor ...**

⁸- Como exemplo, após a Revolução Francesa que pôs em crise o sistema mo-nárquico francês, veio o Império Napoleónico, repondo a monarquia.

⁹- No exemplo da Revolução francesa, hoje, a França tem uma República.

¹⁰- Discutir no início deste século se os transportes públicos do *Chora* (carros puxados a cavalo) deveriam ter "x" ou "y" cavalos, não era uma luta a ter, pois os automóveis já existiam e era óbvio que iriam substituir os cavalos.